

PROBLEMATIZANDO A INCLUSÃO DE SURDOS A PARTIR DE ATIVIDADES DIDÁTICAS COM LIBRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Educação Inovadora e Transformadora

Adriana Flávia Neu¹
Maria Eliza Rosa Gama²

RESUMO

A inclusão na educação básica tem sido muito discutida, principalmente porque se fala em incluir os alunos com necessidades educacionais especiais em turmas, sendo que, entretanto, a realidade frequente é a integração desses alunos nas turmas ou, até mesmo, a segregação. Em relação a isso, nos questionamos sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para alunos ouvintes, tendo em vista a inclusão de surdos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é relatar atividades didáticas, envolvendo a LIBRAS nas aulas de Educação Física escolar, com alunos de 2º ano do ensino fundamental. Sentimos a necessidade de trabalhar com esse tema, pois os alunos, quando indagados sobre a inclusão de pessoas surdas, não faziam ideia do que era e, muito menos, que os surdos possuem língua própria. Percebeu-se que os alunos dos anos iniciais possuem muita facilidade para aprender os sinais e seus significados. A problematização em torno da existência de surdos e sua comunicação com as demais pessoas da sociedade, quais as dificuldades que se teria com a inclusão de surdos nessa turma de ouvintes que não conhece a Língua de Sinais e sobre a importância dessa nesse contexto, nos remetem à possibilidade/necessidade de ensino da Língua Brasileira de Sinais nos anos iniciais do ensino fundamental como a segunda língua desses alunos, uma vez que essa língua é oficializada como nossa segunda língua desde 2002.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Inclusão de surdos. LIBRAS.

INTRODUÇÃO

Atualmente, muito tem-se discutido acerca da inclusão na Educação Básica. Segundo Alves e Barbosa (2006, p.16), “as três últimas décadas registraram, no mundo inteiro, significativos avanços técnico-científicos e sócio-políticos que provocaram impacto na forma de ver e pensar a educação”.

Alguns pesquisadores interligam a ideia de inclusão a alunos com necessidades educacionais especiais, entretanto, Ferreira (2005, p. 43) ressalta que “existe um consenso entre os estudiosos de que inclusão não se refere somente às

¹ Licenciada em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: adriananeu09@gmail.com.

² Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: melizagama@yahoo.com.

crianças com deficiência e sim a todas as crianças, jovens e adultos que sofrem qualquer tipo de exclusão educacional, seja dentro das escolas e salas de aula quando não encontram oportunidades para participar de todas as atividades escolares [...].”

Oliva (2016) afirma que:

O modelo inclusivo de educação tem por base a concepção de direitos humanos, em que os princípios de igualdade de oportunidade e valorização da diferença são combinados para que todas as crianças, jovens e adultos possam estar incluídos no sistema educacional regular, aprendendo e participando sem qualquer tipo de discriminação. Para que todos recebam uma educação de qualidade, isentos de preconceitos e estereótipos de qualquer natureza, o sistema educacional precisa ser repensado e a histórica estrutura discriminatória de exclusão das diferenças deve ser suplantada por uma nova estrutura, na qual o acesso à classe comum seja irrestrito e o foco esteja na escola como um todo e na potencialidade dos alunos. (OLIVA, 2016, p.492).

Podemos considerar um importante passo na educação brasileira em prol de assegurar o direito à educação para as pessoas com deficiência, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que determinou, no artigo 4º, a obrigatoriedade do “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”. Juntamente a isso, no artigo 58º, a LDBEN estabelece que a educação especial é “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. (BRASIL, 1996).

Entretanto, infelizmente, não basta a presença de pessoas com deficiência em escolas regulares, se a realidade aponta para a exclusão dessas em salas especiais. Como afirmam Barbosa e Gomes (2006, p.86), “as transformações ocorridas no meio educacional e na legislação que rege o sistema educacional brasileiro deixam clara a necessidade de incluir todos os alunos PNEEs nas salas de aula regulares das redes pública e particular de ensino”. Essa afirmativa parte do pressuposto de que todos os alunos devem ser respeitados, independentemente de suas características e diferenças.



De acordo com a afirmação acima, Mittler (2003) aponta que

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças, diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que não estão beneficiando-se com a escolarização, e não apenas aquelas que são rotuladas com o termo “necessidades educacionais especiais”. (MITTLER, 2003, p.16).

Para que a inclusão de fato aconteça, além de outros fatores, os docentes também precisam modificar suas práticas profissionais, realizando ações mais igualitárias entre os alunos (BARBOSA; GOMES, 2006). Acompanhando essa ideia, Freitas e Oliveira (2011, p.10) entendem que a escola básica também precisa “acompanhar e interagir com as mudanças advindas de uma educação inclusiva, tornando-se verdadeiramente em um espaço democrático, dialógico e dinâmico, dentro do conceito de educação para todos, como procuramos destacar neste trabalho”. Apenas a partir disso é que poderemos, então, falar em escola inclusiva.

Tendo em vista o exposto acima, nos questionamos sobre as condições que alunos surdos encontrariam na escola básica, frequentando turmas compostas basicamente por alunos ouvintes. Nesse viés, nosso questionamento se dá sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para alunos ouvintes, tendo em vista a inclusão de pessoas surdas.

Sentimos a necessidade de trabalhar com esse tema, pois os alunos, nas aulas de Educação Física, quando indagados sobre a inclusão de pessoas surdas, não faziam ideia do que era, de como seria e, muito menos, que os surdos possuem língua própria. A partir desse questionamento, surgiu a ideia de realizar atividades didáticas da Educação Física envolvendo sinais da LIBRAS.

Por isso, este texto tem como objetivo relatar atividades didáticas, envolvendo a LIBRAS nas aulas de Educação Física escolar com alunos de 2º ano do ensino fundamental.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Este texto é resultado de uma experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Interdisciplinar “Organização do Trabalho Pedagógico da Educação Física e da Pedagogia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, na condição de bolsista de iniciação à docência.

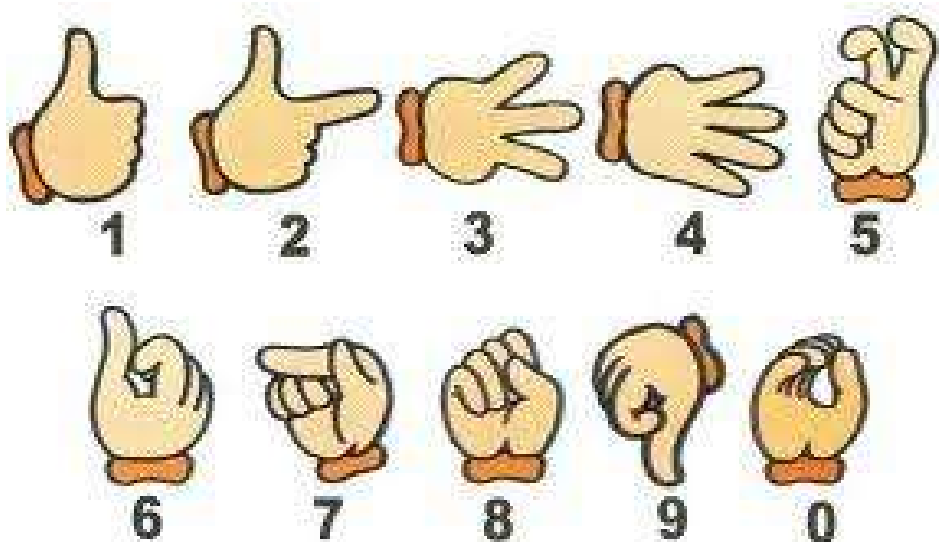
Durante as aulas de Educação Física de alunos de 2º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública de Santa Maria, foram realizadas diversas atividades tendo como foco o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais, aliadas aos jogos e brincadeiras. Nas aulas, procuramos ir além do movimento pelo movimento, implementando atividades que contribuíssem para o engajamento das crianças nas aulas, ao mesmo tempo que desenvolviam suas habilidades.

Em uma das atividades didáticas, por contingências da aula, surgiu o assunto surdez, e então questionamos os alunos sobre a inclusão de pessoas surdas, se conheciam alguém surdo, como os alunos imaginavam que acontecia a comunicação entre pessoas surdas, etc. Para nossa surpresa, os alunos responderam que a pessoa mais surda que eles já haviam conhecido era o avô ou a avó que, para escutar, precisavam que lhe falassem bastante alto. Essa resposta nos inquietou de tal modo que entendemos a situação como uma excelente oportunidade para a problematização acerca da inclusão de surdos e a língua própria que os surdos possuem, a LIBRAS.

Diante disso, procuramos desenvolver atividades didáticas envolvendo a temática da inclusão a partir da LIBRAS nas aulas de Educação Física para essa turma de alunos de 2º ano do ensino fundamental. Assim sendo, foram ensinados aos alunos das turmas, ao longo das aulas, os sinais de alguns números, de alguns animais e de algumas cores, como uma base para a realização das atividades didáticas das aulas de Educação Física.

Iniciamos ensinando os números de 0 a 9 em LIBRAS, conforme pode ser visualizado na figura abaixo, como base da primeira atividade.

Figura 1- Números em LIBRAS

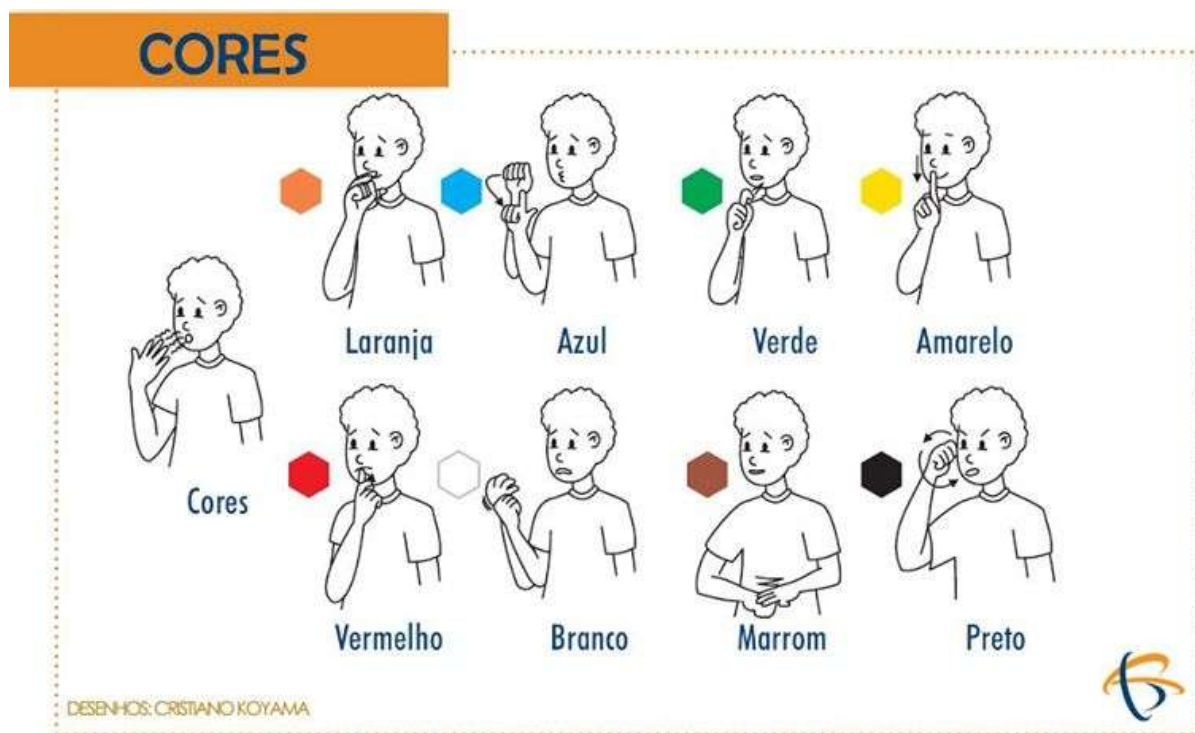


Fonte: Google imagens.

A atividade consistiu em um jogo de agilidade em que os alunos ficam dispostos em duas fileiras com o mesmo número de alunos, um de frente para outro, tendo um objeto ao centro, entre as fileiras. Ambas as fileiras têm os alunos numerados simultaneamente e de modo similar, isso é, em ambos os lados haverá o número 2, por exemplo. O número que for solicitado pelo professor deve correr, o mais rápido possível, ao centro e pegar o objeto. O aluno do número chamado que chegar primeiro ao objeto, faz ponto para a sua equipe. Vale ressaltar aqui, que, nessa atividade, os números foram sempre demonstrados em LIBRAS, então o aluno deveria olhar para o professor sinalizando o número e, a partir daí, interpretar qual aluno era para agir. Essa atividade também colabora para desenvolver a velocidade, tempo de resposta motora, raciocínio e atenção.

Após os números, foram ensinadas as cores aos alunos. As cores ensinadas foram: amarelo, vermelho, preto, cinza, rosa, verde, azul, lilás, branca, em suas variações clara e escura.

Figura 2 - Algumas cores em LIBRAS que foram ensinadas aos alunos



Fonte: Google imagens.

A uma das atividades realizadas utilizando-se as cores, chamamos de “Elefante Colorido”. Uma pessoa fala, em LIBRAS: - Elefante colorido. A turma responde: - Que cor? Então, a pessoa sinaliza uma cor. O restante deve procurar a cor mencionada enquanto foge. Quem for pego vira o próximo a indicar uma cor e assim por diante. Essa atividade também colabora para desenvolver a velocidade, tempo de resposta motora, raciocínio e atenção.

Após serem desenvolvidas atividades envolvendo as cores, ensinamos os sinais de alguns animais, como os da figura abaixo, entre outros.

Figura 3 - Alguns dos animais ensinados em LIBRAS



Fonte: Google imagens.

Um exemplo de atividade realizada utilizando animais foi um jogo em que os alunos ficavam em duas fileiras, uma de frente para a outra. Uma das fileiras era denominada de “bicho pena” e a outra de “bicho pelo”. Quando o comando era um animal, em LIBRAS, que tivesse pelo, o grupo dos bichos com pelo deveria tentar pegar os integrantes do outro grupo, que tentava escapar (cada aluno deveria perseguir o colega que estivesse bem à sua frente). Já quando o comando fosse um bicho que tivesse pena, acontecia o inverso. Essa atividade também colabora para desenvolver a velocidade, tempo de resposta motora, raciocínio e atenção.

Ao longo dessas atividades, pudemos perceber que os alunos dos anos iniciais tiveram muita facilidade em aprender os sinais e seus significados. Pode ser observado, também, que trabalhar com LIBRAS nessa turma foi uma escolha acertada, pois, aula após aula, eles questionavam sobre o sinal de novas palavras, até aquelas que não faziam parte de nossa programação. Além disso, alunos que outrora participavam menos das atividades, passaram a participar mais atentamente, para não perder nenhum detalhe de todos aqueles sinais que estavam a ser ensinados.



Os momentos de problematização em torno da inclusão de surdos foram bastante ricos, pois podíamos ver a ânsia dos alunos em aprender mais e mais, para poderem se comunicar com essas pessoas que não escutavam, mas que conheciam e se comunicavam através da LIBRAS.

A problematização em torno da existência de surdos e sua comunicação com as demais pessoas da sociedade, quais as dificuldades que se teria com a inclusão de surdos nessa turma de ouvintes que não conhece a Língua de Sinais e sobre a importância dessa nesse contexto, nos remeteram à possibilidade/necessidade de ensino da Língua Brasileira de Sinais nos anos iniciais do ensino fundamental como a segunda língua desses alunos, uma vez que esta língua é oficializada como nossa segunda língua desde 2002.

CONCLUSÃO

Os alunos dos anos iniciais possuem muita facilidade para aprender os sinais, uma vez que seus significados foram lembrados naturalmente, aula após aula. Além disso, a problematização em torno da existência de surdos, de como acontece essa comunicação tanto entre surdos, quanto entre ouvintes e surdos, quais as dificuldades que se teria com a inclusão de surdos nessa turma de ouvintes que não conhece a Língua de Sinais e sobre a importância dessa nesse contexto, nos remetem à possibilidade/necessidade de ensino da Língua Brasileira de Sinais nos anos iniciais do ensino fundamental como a segunda língua desses alunos, uma vez que esta língua é oficializada como nossa segunda língua desde 2002.

Independente de os alunos em questão terem em média 8 anos, a reflexão e a problematização foram de grandes significados e esclarecimentos. Proporcionar atividades diferenciadas que possam contribuir para com um debate mais amplo, além de terem sido interessantes para as crianças atingidas por elas, também proporcionou-nos elementos para a construção, não somente profissional, mas também, pessoal. A partir disso, consideramos que são importantes discussões suscitadas a partir de atividades didáticas elaboradas para a reflexão da inclusão, ao



passo que também acreditamos na relevância da inserção da LIBRAS na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A; GOMES, C. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.12, n.1, p.85-100, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v12n1/31986.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 abr 2015.

FREITAS, E. A.; OLIVEIRA, J. L. R. Educação Inclusiva: uma filosofia, muitos conceitos, algumas práticas. 2011. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%2010/PDF/Microsofft%20Word%20EDUCAcaoO%20INCLUSIVA_UMA%20FILOSOFIA_MUITOS%20CONCEITOS.pdf>. Acesso em: 15 Ago. 2016.

FERREIRA, W. B. Educação inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? Inclusão – Revista da Educação Especial, v. 1, n. 1, p.40-46, 2005.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: Contextos Sociais. Editora: Artmed, São Paulo, 2003.

OLIVA, Diana Villac. Barreiras e recursos à aprendizagem e à participação de alunos em situação de inclusão. São Paulo: **Psicologia USP**. V.27, n.3, p.492-502, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n3/1678-5177-pusp-27-03-00492.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2017.